

“O peregrino tem fome de silêncio e o santuário mariano deve saber saciá-lo”

D. Rino Fisichella, pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, defende que os santuários devem responder à crescente procura de espiritualidade, com uma experiência de encontro, escuta e proximidade.

Os santuários marianos devem estar atentos e saber responder à crescente procura de espiritualidade que marca a sociedade contemporânea, oferecendo-se como lugares de silêncio. No início sua intervenção, esta manhã, no Congresso Internacional de Santuários Marianos, no Centro Pastoral de Paulo VI, D. Rino Fisichella, pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, chamou a atenção para uma procura expressiva de espiritualidade, em particular entre os jovens.

“A procura por espiritualidade é muito mais comum do que se imagina e a isso não é

alheio o crescimento exponencial da tecnologia na vida quotidiana das pessoas, com um inevitável empobrecimento do aspeto humano", afirmou.

A experiência vivida por milhares de jovens na Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, e durante o Jubileu, em Roma, constitui, na sua perspetiva, um sinal desta procura, que exige da Igreja capacidade para interpretar os sinais dos tempos e encontrar uma linguagem que responda às inquietações contemporâneas.

"É urgente que a escuta dessas necessidades se transforme na capacidade de uma linguagem capaz de responder às indagações sobre o sentido da vida, sobre o desejo de relacionamentos significativos e sobre testemunhos confiáveis que falem de verdade, liberdade e amor", concretizou.

Para D. Rino Fisichella, os santuários não podem limitar-se a oferecer uma experiência religiosa. "O cristianismo é apresentado como uma das muitas espiritualidades presentes no supermercado das religiões, onde cada um escolhe o que mais lhe agrada". É, pois, expectável que os santuários consigam ajudar as pessoas a descobrir o sentido da existência e a profundidade da fé cristã, "sem a nostalgia do passado, mas com a paixão por construir o futuro com liberdade e coragem".

"Quem chega ao Santuário não é um estranho"

Convidado a refletir sobre "os santuários marianos no contexto da Igreja do século XXI", D. Rino Fisichella identificou três dimensões essenciais para a missão evangelizadora destes lugares: receber cada peregrino como alguém esperado, proporcionar condições para o encontro com Deus e tornar tangível a misericórdia.

A primeira dimensão desta missão prende-se com o acolhimento. Partindo da saudação do anjo Gabriel a Maria — "Alegra-te" —, D. Rino Fisichella propôs que os santuários acolham cada peregrino com a mesma disponibilidade e alegria com que Maria foi recebida no anúncio da sua maternidade divina.

"O santuário torna-se o lugar onde quem chega encontra, em primeiro lugar, uma pessoa que o recebe", referiu, acrescentando que "quem chega ao santuário não é um estranho nem um incómodo, mas uma pessoa que busca a Deus e onde Deus vai ao seu encontro.

Em tempos de individualismo e anonimato, em que as relações interpessoais são frequentemente substituídas pela comunicação digital, D. Rino Fisichella destacou a importância de recuperar a capacidade de olhar nos olhos, saudar e estabelecer relações verdadeiras. O acolhimento, sublinhou, não se esgota em estruturas ou informações. Exige uma relação humana capaz de transmitir proximidade e disponibilidade.

"Educar para o silêncio da escuta"

A segunda dimensão apontada por D. Rino Fisichella é a criação de condições para o silêncio e a oração. "O peregrino tem fome de silêncio e o santuário mariano deve saber saciá-lo. É esse o papel dos santuários".

Recorrendo ao pensamento de Santo Agostinho e de Santo Anselmo, o pró-prefeito do

Dicastério para a Evangelização sublinhou a importância de regressar ao íntimo de cada pessoa para encontrar Deus. O silêncio, esclareceu, não significa simplesmente ausência de palavras, mas uma atitude de escuta e disponibilidade interior.

“Educar para o silêncio da escuta” é entendido pelo responsável da Santa Sé como um compromisso e uma responsabilidade próprios da evangelização.

Neste contexto, evocou a figura bíblica de Ana, que rezava silenciosamente diante do Senhor, derramando o coração na oração. Uma imagem que considera particularmente significativa para compreender o que acontece nos santuários, onde tantas pessoas chegam para confiar a Deus as suas inquietações, dores e esperanças.

“Sinais tangíveis de consolo e esperança”

A terceira dimensão da missão dos santuários marianos é a experiência da misericórdia. D. Rino Fisichella defendeu que ninguém deve regressar a casa depois de visitar um santuário mariano sem ter experimentado a proximidade, o consolo e o perdão que caracterizam o amor de Deus.

A devoção a Maria, explicou, conduz sempre a Cristo, rosto da misericórdia do Pai. É por isso que a figura de Nossa Senhora, como mãe de misericórdia, constitui uma referência de acolhimento e esperança para quem chega ao santuário com sofrimento, dúvidas ou necessidade de ser escutado.

Essa experiência, acrescentou, não pode ficar limitada à dimensão espiritual ou às celebrações litúrgicas. Deve traduzir-se em “sinais tangíveis de consolo e esperança”, em gestos concretos de proximidade, como uma palavra amiga, uma bênção, um abraço ou uma oração partilhada. A celebração do sacramento da reconciliação assume aqui um lugar privilegiado, mas não dispensa outros sinais de ternura e atenção ao próximo.

Por fim, D. Rino Fisichella salientou que a missão dos santuários marianos é revelar o verdadeiro rosto de Maria, aquela que orienta os fiéis para Cristo e os integra na comunidade da Igreja. Mais do que multiplicar manifestações de devoção, importa que os peregrinos encontrem nestes lugares um caminho para a fé e para a esperança cristã.

TAGS: santuarios marianos d. rino fisichella dicasterio para a evnagelizacao acolhimento escuta
www.fatima.pt/pt/news/o-peregrino-tem-fome-de-silencio-e-o-santuario-mariano-deve-saber-sacia-lo